



---

**A SIMULAÇÃO DE MODELOS DIPLOMÁTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES  
PARA O CAMPO EDUCACIONAL**

**SIMULATION OF DIPLOMATIC MODELS AND THEIR CONTRIBUTIONS  
TO THE EDUCATIONAL FIELD**

Leonardo Luís Costa e Silva Giorno<sup>1</sup>, Vitor Pereira Laprovita<sup>2</sup>,  
Amaziles de Oliveira de Almeida<sup>3</sup>, Joana Pinto Scorza<sup>3</sup>

<sup>2</sup>Aluno de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, E-mail: [vlaprovita@gmail.com](mailto:vlaprovita@gmail.com); <sup>3</sup>Aluna da Fundação Osório, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [amazilesa@gmail.com](mailto:amazilesa@gmail.com); E-mail: [joanaps19@gmail.com](mailto:joanaps19@gmail.com)

**Resumo**

Este artigo apresenta pesquisa realizada com 12 delegados de um modelo diplomático do Rio de Janeiro. Por meio de entrevista semiestruturada, os dados obtidos revelaram que os delegados atribuíram à sua participação em simulações diplomáticas a facilidade para negociar e falar em público como consequência das suas experiências delegando, o que os diferenciam em uma possível entrevista de emprego. Além disso, acredita-se que a participação nessas simulações contribuem para o desenvolvimento pessoal e acadêmico, bem como para o aperfeiçoamento da oratória, da negociação e da socialização. Considera-se relevante que mais pesquisas sejam realizadas com o objetivo de melhor investigar as contribuições de modelos diplomáticos para o campo educacional.

**Palavras-chave:** modelos diplomáticos; simulações diplomáticas; negociação; oratória; educação.

**Abstract**

This article presents research conducted with 12 delegates of a diplomatic model of Rio de Janeiro. Through semi-structured interviews, the data obtained revealed that the delegates attributed to their participation in diplomatic simulations the ease of negotiating and public speaking as a consequence of their delegating experiences, which differentiate them in a possible job interview. In addition, participation in these simulations is believed to contribute to personal and academic development, as well as the enhancement of oratory, negotiation, and socialization. It is considered relevant that more research be carried out in order to better investigate the contributions of diplomatic models to the educational field.

---

<sup>1</sup> Professor Orientador: doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1º Tenente do Exército Brasileiro R2. Professor de Filosofia da Fundação Osório. Integrante do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação da PUC-Rio. Atua na área do Ensino de Filosofia e Psicologia da Aprendizagem, pesquisando sobre motivação escolar, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [leonardo.giorno@gmail.com](mailto:leonardo.giorno@gmail.com)



**Keywords:** diplomatic models; diplomatic simulations; negotiation; oratory; education.

## INTRODUÇÃO

Os Modelos das Nações Unidas (MUN) - *Model United Nations* - também conhecidos como Simulações Diplomáticas ou Simulações das Nações Unidas são eventos que proporcionam aos participantes a oportunidade de simular chefes de estado, presidentes de países, ministros de conselhos, diplomatas das Nações Unidas, jornalistas de renome, entre outras posições de influência em comitês e reuniões de tribunais e conselhos da própria Organização das Nações Unidas (ONU) e de outras organizações internacionais. As Simulações Diplomáticas existem antes mesmo da criação da Organização das Nações Unidas, sendo, assim, simulações pela extinta Liga das Nações. Os MUN só se popularizaram, de fato, na América e Europa, quando houve a criação da ONU, sendo sua consolidação primeiro em universidades e depois em escolas secundaristas. Os MUN já são largamente aplicados no mundo acadêmico universitário como em escolas de ensino médio. Neles, são desempenhados e exigidos conhecimentos gerais, históricos, geográficos, sociológicos, e, principalmente, conhecimentos ligados às relações e legislações internacionais, para que o rigor intelectual exigido seja satisfeito nas negociações, debates e resoluções de conflitos de toda espécie. Nisto se manifesta a transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999), que é componente base de qualquer Simulação Diplomática e revela a atualidade e utilidade desse tipo de evento para a formação de seus participantes.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### Organização e funcionamento

A estrutura funcional de um modelo diplomático tem como fundamento a organização desenvolvida pelos próprios alunos, com o intuito de favorecer a promoção da autonomia (GIORNO, 2018). O primeiro grupo a ser citado quando se toca no assunto “organização dos MUN” deve ser o Secretariado. Grupo de, em média, quatro membros (Secretário-Geral, Vice-Secretário-Geral, Secretário Administrativo e Secretário Acadêmico). O Secretariado é responsável por toda a parte organizacional



dos MUN. É competência do Secretariado organizar e prover a logística envolvida na realização do evento, o local onde se o realizará, os insumos para a manutenção do evento, os materiais necessários (livros, kits de trabalho, etc.), até a elaboração do “Guia de Regras” do Modelo e revisão dos “Guias de Estudos” dos comitês que serão simulados, bem como a organização acadêmica e toda a parte de liderança e gestão.

Dentro dos comitês simulados, quem administra os debates e discussões dos organismos são o segundo grupo: a Diretoria. Os diretores são responsáveis por elaborar os Guias de Estudos para os futuros “delegados”, em que será apontado cada aspecto importante da história do comitê simulado, da “POLEX” (Política Externa da Delegação) e do assunto tratado. Posteriormente, o Guia é levado ao Secretário Acadêmico, que efetuará a correção do mesmo. Além disso, o Diretor é responsável por julgar e organizar o andamento de seu Comitê, controlar o tempo, corrigir os conceitos, direcionar os debates, estabelecer os diferentes regimes de discussão e mediar as discussões. O terceiro grupo, os Staffs ou assistentes, é o grupo da assistência e manutenção do evento. Qualquer questão de auxílio ou informação, qualquer pedido de ajuda e qualquer missão de realização necessária em um curto período de tempo competem aos Staffs, imediatos do Secretariado. É o grupo dos staffs que verifica se as condições de realização do MUN, como temperatura das salas, entrega dos materiais e disponibilidade de recursos estão adequadas para que a simulação aconteça da melhor forma possível.

O quarto grupo e objeto fim dos MUN, os participantes, que recebem a chamada “representação”, ou seja, pessoa ou organização a se representar, passam a se chamar, dentro dos MUN, de delegados. Eles são os responsáveis pelos debates, discussões, apresentações de argumentos e ideias, submissão de documentos, tomada de decisões e criação de “Projetos de Resolução” para os assuntos propostos nos comitês em que se simula.

Em síntese, os MUN podem ser divididos, em ordem crescente de pertencimento ao grupo: Delegação, Comitê e Simulação propriamente dita. A Delegação é o papel a ser desempenhado pelo delegado, assumindo suas posições dentro de um assunto numa conferência. Um conjunto de delegados tratando do mesmo



assunto e simulando o mesmo organismo, auxiliados por um grupo de diretores, formam um Comitê. O Comitê é onde os delegados realizam as suas atividades e são mediados pelos diretores. Por sua vez, um conjunto de Comitês, realizados nos mesmos dias, no mesmo lugar, administrados pelo mesmo Secretariado e pautado nas mesmas regras, classifica-se como uma Simulação Diplomática.

### **Regras dos modelos diplomáticos**

Dentro dos comitês, o debate nem sempre é livre e desprovido de regulação. Cada comitê tem seu regimento, suas regras e seus parâmetros a seguir, mas, aqui, serão citados os modelos-padrão de debate mais comuns.

- Debate por “lista de oradores”: cada delegado só se pronunciará mediante inscrição na lista de oradores, a qual dá a palavra a cada delegado, por ordem de inscrição na mesma. Ao receber a palavra, o delegado terá um tempo limitado e predefinido pela diretoria do comitê para se pronunciar. O tempo de discurso, regularmente, varia de 1 a 2 minutos. Os discursos, até seus 10 segundos finais, podem ter seu tempo restante cedido de um delegado para outro. Dessa forma, o debate é regulado, com falas de tempo limitado.
- Debate moderado: os delegados estabelecem quantidade determinada de discursos em certo tempo onde se escolhe as delegações que se pronunciarão. As delegações selecionadas se pronunciam cada uma nesse tempo com o objetivo de pontuar suas opiniões de forma a persuadir os outros delegados com seus posicionamentos acerca da discussão.
- Debate moderado, também conhecido como debate à grega: a diretoria do comitê pergunta quais delegações desejam se pronunciar no dado momento, e escolhe arbitrariamente uma, lhe concedendo também uma quantidade predefinida e limitada de tempo. Assemelha-se ao debate por lista de oradores nos outros aspectos.
- Debate não moderado: os delegados podem se pronunciar quando e como quiserem, na ordem que bem entenderem e pelo tempo que acharem necessário,



independente da temática, por um dado período de tempo que a diretoria ou “mesa” cede às delegações.

- Regimes alternativos de debate: para cada comitê alternativo ou que simplesmente não siga o padrão de regras diplomáticas e regimentais dos comitês em geral, é criado um novo regime de debate, sempre adaptando o regime factual do comitê em sua realização real, à sua simulação. Por exemplo, em simulações do comitê STF (Supremo Tribunal Federal – Brasil), o regime de debate não possui moderação, sendo o presidente da sessão apenas um ministro/juiz também votante, porém com mais influência na casa. Não há moderação de debates nem nada que regule a fala dos delegados.

Para um melhor desenvolvimento do comitê e consolidação das decisões nele tomadas, os delegados podem apresentar documentos de vários tipos, o que os torna signatários dos mesmos. Qualquer documento pode ou não ser reconhecido pela mesa diretora. Se for reconhecido, o documento é aceito e explorado. Se não for, o documento é recusado e não se submete ao debate. Entre eles, os documentos de modelo padrão mais comuns são:

- Documento de trabalho: um fato, fotografia, dado ou qualquer informação que, na opinião do delegado que o submete, será útil para o decorrer do debate, podendo este documento possuir ou não caráter que se incline ao posicionamento de um ou de outro delegado.
- Documento provisório: geralmente compõe-se de uma agenda de debates para o comitê ou um projeto de direcionamento de discussões, de modo a ter como signatários todas as delegações que desejam ter o conteúdo sinalizado no documento, debatido.
- Projeto de Resolução: é o documento pelo qual os delegados, após toda a jornada de debates, apresentam aos diretores as conclusões tomadas por eles para a resolução do tema, conflito ou discussão-chave do comitê. É por meio do Projeto de Resolução que os delegados exibem o resultado de todo o trabalho por eles feito, ou seja, todo o conteúdo das conciliações e acordos de



amenização, diminuição ou extermínio de problemas, medidas de reparação das consequências já manifestadas de certo acontecimento, conselhos às autoridades superiores sobre o tema abordado, medidas de caráter mandatório, medidas de caráter recomendativo, e todo e qualquer outro conteúdo de todas as outras sessões de debate que sejam relevantes para um projeto de resultado da realização do comitê. O Projeto de Resolução é o objetivo, a meta de todo comitê ao final da Simulação.

- Documentos alternativos: assim como para os regimes, os documentos sofrem alterações de função e necessidade de acordo com o comitê em que se encontra, principalmente se ele não for um dos seguidores do “modelo-padrão” de comitê. Logo, se criam ou se extinguem certos tipos de documento em cada comitê, de acordo com a necessidade e aplicabilidade destes documentos no andamento e resolução do comitê. Seguindo o exemplo do comitê STF (Supremo Tribunal Federal), nele, em vez de documentos como os supracitados estarem presentes, se vê um único documento: o voto. Ao final do julgamento de cada caso, cada delegado ministro apresenta seu voto, acompanhando ou não a relatoria. Se dão os processos de simulação diplomática adaptando a realidade, para um fim acessível.

## OS IMPACTOS EDUCACIONAIS DOS MODELOS DIPLOMÁTICOS

O ineditismo proposto pelas simulações age de forma a revolucionar o modo de pensar do indivíduo sobre a educação, sobre as relações e sobre os conflitos. É um novo universo. E isso é tão presente na consciência dos participantes frequentes que já até se criou um termo para definir o conjunto de Simulações, modelos, estilos e pessoas que simulam juntas em uma mesma região: a “Modelândia”. No Rio de Janeiro, por exemplo, os MUN tradicionais e os delegados frequentes formam a famosa “Modelândia Carioca”. Isto favorece uma aprendizagem ativa e colaborativa, que já se demonstrou eficiente em outras pesquisas (PRADO, 2014).

Cada estudante é condicionado a aprender como lidar com a responsabilidade de representar, com argumentos muito bem embasados e maduros, a opinião de um país, de



um ministro, um chefe de estado. Cada delegado se sente na obrigação de saber argumentar, afinal, está incumbido de discutir assuntos de ordem global e esse aspecto desenvolve-se gradativamente, de acordo com a atividade do delegado em sessão.

A ideia de ter influência real na tomada de certa decisão, a noção de potência conferida a cada delegado é um fator gerador de motivação. Muitos alunos que são delegados de primeira viagem nunca tiveram contato com situações em que tenham sido colocados como motor principal ou como tomador de decisões, o que faz com que busquem “entender a realidade posta com embasamento teórico-crítico” (GUIMARÃES, 2018, p. 58)

A participação dos alunos nos MUN, além de conferir a eles conhecimento profundo sobre os assuntos que tratam, age como uma das mais eficientes ferramentas pedagógicas e educacionais de aprendizado e de conhecimento de mundo. A transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999) mostra-se, mais uma vez, parte inerente à realização dos MUN. O aluno, ao pôr em prática seus conhecimentos, aplicados de forma incisiva pela sua grande influência no meio em que se está e na posição que se ocupa, promove sua autoconfiança. O trabalho em equipe, como conceito de ação colaborativa (CORTELAZZO, 2000) sempre promovido de forma essencial e inevitável, torna-se, por consequência, o único meio de chegar aos acordos. Entender que não é sozinho que se chega à resolução de uma causa é mais um dos valores que não são criados pelos MUN, provocados, de modo que o aluno os desenvolve de dentro para fora, sem mesmo que o perceba.

Além de tudo, há também a criação da noção e consciência da importância da diplomacia, e da realidade das rotinas de tomada de decisão dos chefes de estado, ministros e diplomatas. Muitos dos delegados que, antes de simular pela primeira vez, não sabiam ou tinham noções diferenciadas de seu futuro profissional, percebem que a área das Relações Internacionais, do Direito ou de qualquer outro curso englobado na simulação seja, na verdade, a melhor escolha para si. Ou seja, os MUN conseguem trabalhar positiva e efetivamente tanto a parte cognitiva, quanto a emocional, a intelectual e a profissional. É uma ferramenta completa e mais que eficiente para a promoção de uma educação de qualidade.





## OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa busca compreender a importância da simulação de modelos diplomáticos para vida pessoal e acadêmica de seus participantes. Acredita-se que o compartilhamento de conhecimentos acadêmicos, linguísticos, culturais e interpessoais contribuem para um efetivo aprendizado e desenvolvimento humano dos delegados. Este trabalho é importante, portanto, porque investiga as percepções dos entrevistados de maneira a identificar de que forma modelos diplomáticos impactam o campo educacional e quais aspectos podem ser aperfeiçoados para que possam produzir um aprendizado mais eficiente.

A pesquisa foi realizada com 12 alunos em um modelo diplomático universitário do Rio de Janeiro que estavam desempenhando o papel de delegados nos comitês, muitos recém-ingressados nos cursos de relações internacionais, direito e economia de faculdades federais e outros estudantes secundaristas. Os participantes responderam a uma entrevista semiestruturada, o que permitiu a realização posterior de uma análise de dados, com o intuito de identificar suas percepções sobre a simulação diplomática. A recorrência (LUNA, 2013) por esse instrumento de pesquisa foi feita por se acreditar que este formato de entrevista era mais apropriado para atingir os objetivos desta pesquisa.

Os entrevistados eram, em sua maioria, moradores da Zona Oeste, tinham em média 19 anos e já haviam participado de mais ou menos dez simulações, tanto cariocas quanto de fora do Estado do Rio de Janeiro. Foi observado também que 75% dos participantes disseram já terem ido pelo menos uma vez para simulações com função de diretor, 33% já fizeram ou fazem parte de um secretariado e 42% já participaram como staffs.





Em promédio, as entrevistas duraram sete minutos, por meio da qual os participantes foram convidados a falarem sobre o seu primeiro contato e suas percepções iniciais dos modelos diplomáticos, as experiências mais marcantes e as suas respectivas contribuições para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, além do significado que eles atribuíam a modelândia como um todo e suas perspectivas para o futuro das simulações juntamente a sugestões para a nova geração de modeleiros.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Quase todos os delegados tiveram seu primeiro contato com as simulações diplomáticas através das suas respectivas instituições de ensino, onde, a cada modelo novo, mais estudantes passam a participar, sendo até mesmo incentivados por colegas que um dia já participaram de algum outro modelo. A comunicação entre os secretariados, permitindo a divulgação de "modelos amigos" no encerramento, é um importante fator para os delegados continuarem a simular.

Quando se trata das primeiras experiências, todos os delegados afirmam a pouca participação no debate, mas a evolução de seus discursos e posicionamentos. É quase unânime a insegurança que os mesmos sentem nesses momentos e sua perda gradativa com o decorrer do tempo. O apoio da mesa diretora e dos colegas delegados influenciam nas experiências daqueles que estão participando pela primeira vez, o que determina, na maioria das vezes, a permanência ou não dos delegados na modelândia. Alguns modelos solicitam aos diretores que usem a primeira sessão para fazer uma mock - simulação da simulação -, que é uma importante medida para diminuir essas inseguranças.

As melhores experiências foram divididas em novas histórias com amigos, ambiente (viagens para fora do Estado), temas de comitês, organização, etc. Também ficam marcadas as piores experiências que, para muitos, ocorrem devido a situações desagradáveis em que os organizadores poderiam ter evitado e/ou planejado formas de resolvê-la, mas não o fizeram. Caso ocorra algo fora do esperado, os secretários devem agir de forma diplomática, responsável e organizada. Caso isso não seja feito pode-se gerar, como consequência, experiências ruins.



Ao perguntar o que significa a modelândia para os delegados, muitos responderam as maneiras que as simulações influenciam as suas vidas, sempre sendo ressaltado o ponto de vista acadêmico, a melhora da oratória, da negociação e da socialização. O convívio durante horas com pessoas novas para alguns é o principal motivo para continuar simulando. Alguns afirmaram que simular é terapêutico. Porém, é inevitável que, para eles, em sua maioria futuros profissionais, a facilidade para negociar e falar em público foi consequência das suas experiências delegando e que, com certeza, os diferenciam em uma possível entrevista de emprego.

Todos os entrevistados não deixaram de relembrar diversas vezes experiências em que a modelândia foi determinante em suas vidas acadêmicas. Em algum momento, os delegados usaram suas bagagens de conhecimento resultado de algum modelo para realizar trabalhos escolares, os mesmos afirmaram que aquilo que aprenderam na prática foi crucial para uma boa resolução de conflitos.

A maioria acredita que, para saber debater, é necessário ouvir a oposição, o que é determinante para uma negociação justa. Por isso, muitos afirmam que, após alguns modelos, suas falas ficaram mais claras e melhores expressas. É também levantado que saber como agir diante de situações de cobrança e que exigem posicionamento é evolutivo e que adquirir experiência diplomática é uma forma de buscar melhorar. Acredita-se que ao entrar em uma sala e se aprofundar em uma realidade complexa, o convívio com representantes de nações diferentes, com diversas culturas e novos pontos de vista é a melhor parte de toda a experiência, e vivenciá-las agrega conhecimento de forma imensurável a todos.

Foi inúmeras vezes ressaltado que a hierarquia existente entre secretários, diretores, delegados e staffs é o que ocasiona a falta de oportunidade de crescimento nesse meio. Além disso, também foi bastante mencionado que a existência de menções honrosas, mais comuns em modelos militares, acaba aumentando uma nociva competitividade entre os participantes, que muitas vezes atrapalha o andamento dos comitês.

O resultado da aplicação dos MUN em diversas escolas e faculdades tem sido a síntese dessa exposição: uma geração com sua consciência socioemocional e educacional completamente renovada e apta a falar com propriedade do conhecimento



que aprendeu. Deste modo, considera-se fundamental que novas pesquisas possam ser feitas nesta área, com a finalidade de melhor compreender as contribuições que os modelos diplomáticos possam gerar para o desenvolvimento integral do aluno.

## REFERÊNCIAS

CORTELAZZO, I. B. C. Colaboração, trabalho em equipe e as tecnologias de comunicação: relações de proximidade em cursos de pós-graduação. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000. Disponível em: <[http://dedalus.usp.br/F/V8RYEPDIYTH4YBREDN2KBKNRCGUC2E2KYUSL8B2Q7IV3XNVFYC-02015?func=direct&doc%5Fnumber=001087637&pds\\_handle=GUEST](http://dedalus.usp.br/F/V8RYEPDIYTH4YBREDN2KBKNRCGUC2E2KYUSL8B2Q7IV3XNVFYC-02015?func=direct&doc%5Fnumber=001087637&pds_handle=GUEST)>. Acesso em: 19 nov. 2019.

GIORNO, L. L. C. S. Concepções sobre o conceito de Filosofia segundo a percepção de alunos do Ensino Médio. REVISTA CIENTÍFICA FUNDAÇÃO OSÓRIO, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 43-59, jul. 2019. ISSN 2526-4818. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/rcfo/article/view/2399>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

GUIMARÃES, T. A. Interdisciplinaridade no Ensino de Sociologia – Projeto Simulação de Organizações Internacionais para Ensino Médio. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2018. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193569/Tamar\\_Guimar%3%a3es%20TCL%20%282%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193569/Tamar_Guimar%3%a3es%20TCL%20%282%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 18 nov. 2019.

LUNA, S. Planejamento de pesquisa: uma introdução. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2013.

NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução de Lucia Pereira de Souza. Triom : São Paulo. 1999.

PRADO, H. S. A. PARLASUL: modelo de simulação do parlamento do MERCOSUL. Rev. Ciênc. Ext.v.10. n.2. p.136-146. 2014. Disponível



---

em:<[https://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/viewFile/978/985](https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/viewFile/978/985) > Acesso  
em: 15 nov. 2019.